

Concentração Empresarial na Bahia: uma análise comparativa do perfil da indústria de transformação em 2002¹

Simone Uderman*

Resumo

O presente artigo tem como principal objetivo averiguar a concentração empresarial do segmento de transformação industrial da Bahia, levando em consideração o perfil dessa atividade no país e em outras oito unidades da Federação. Utilizando dados da Pesquisa Industrial Anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, tornados públicos recentemente através de tabulação especial divulgada pela Federação das Indústrias do Estado da Bahia, procurou-se mensurar a participação das unidades produtivas de cada extrato – definido pelo critério de número de pessoas ocupadas – no total de empregos, faturamento e produção industrial de seus respectivos estados. Além disso, calculou-se a média de emprego, faturamento e valor da transformação industrial de cada um dos quatro grupos de unidades produtivas definidos. Os resultados obtidos confirmam a elevada concentração empresarial relativa da indústria de transformação da Bahia, assim como apontam a limitada participação de unidades de pequeno porte na atividade industrial desse estado. Torna-se claro, também, o reduzido número relativo de unidades de transformação localizadas na Bahia, levando-se em consideração a participação desse estado no Valor Agregado Bruto da indústria de transformação nacional.

Palavras-chave: Economia Baiana. Indústria de Transformação. Concentração Empresarial.

Abstract

The aim of this paper is to analyze the entrepreneurial concentration in the Bahia manufacturing industry, taking into account the features of this industry in Brazil and in eight states within the country. We use data from Annual Survey of Mining and Manufacturing Industries – Enterprise, from Brazilian Geographic and Statistic Institute (IBGE), making known recently through special tables published by the Industrial Federation of Bahia (FIEB). The paper calculates the relative participation of each of the four groups of productive units - defined by the number of employees - in the total industrial jobs, income and production in the respective state. Besides, we calculate the average number of jobs, income and industrial value in each of those four groups. The results confirm the high relative industrial concentration in the manufacturing industry in Bahia, and show the limited participation of small productive units in this state. The paper also illustrates the small number of productive units in Bahia, comparing with its participation in the manufacturing industrial aggregate value in Brazil.

¹ A autora agradece a Luiz Ricardo Cavalcante e a Vladson Menezes pelos comentários e sugestões.

* Economista, Doutoranda em Administração no Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia (NPGA/UFBA), Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB e Assessora Técnico-Econômica da Desenbahia – Agência de Fomento do Estado da Bahia. E-mail: simone@desenbahia.ba.gov.br

Introdução

A indústria de transformação baiana tem sido usualmente caracterizada, além de por seu elevado grau de concentração setorial e espacial, por um significativo nível de concentração empresarial, decorrente do caráter capital intensivo dos seus segmentos produtivos dominantes. Menezes (2001, p. 50) afirma que a opção pela produção de bens intermediários, usualmente fabricados por empresas de grande porte, e o reduzido grau de relações intersetoriais dificultaram uma maior participação de empresas de pequeno e médio vulto na indústria baiana. Citando um levantamento referente ao faturamento das 50 maiores empresas (em sua maioria industriais) da Bahia e do Paraná, realizado pela consultoria Arthur Andersen em 1999, o autor ilustra a concentração empresarial vigente no primeiro estado: enquanto na Bahia o faturamento dessas unidades ultrapassava R\$ 30 milhões, no Paraná, estado cujo Produto Interno Bruto (PIB) superava em mais de 30% o PIB da Bahia, as 50 maiores empresas faturavam cerca de R\$ 23 milhões.

Lima et al (2003) estendem essa comparação a um número maior de estados, construindo indicadores que relacionam dados da Receita Operacional Líquida das maiores empresas localizadas na Bahia e em outras 10 unidades da Federação com os respectivos PIBs estaduais. Apesar das ressalvas metodológicas e das recomendações de que sejam desenvolvidos, em futuras análises, indicadores menos sujeitos a distorções, os autores concluem que a Bahia apresenta um patamar apenas intermediário de concentração empresarial, sugerindo que o problema estadual seria, na verdade, o limitado grau de integração das cadeias produtivas, manifesto na reduzida articulação das grandes empresas com a economia local.

As informações da Pesquisa Industrial Anual do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PIA/IBGE) referentes ao perfil das unidades locais da indústria de transformação em 2002, sistematizadas na publicação *A Estrutura da Indústria de Transformação Brasileira*², trazendo novos elementos para a discussão, permitem algumas inferências interessantes acerca da questão da concentração empresarial na Bahia³. O objetivo deste trabalho é comparar, de maneira simplificada, a situação desse estado com a do conjunto do país e com a de outros estados do Nordeste (Pernambuco e Ceará), Sudeste (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais) e Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul).

Além da presente introdução, o artigo estrutura-se em três seções adicionais. Na primeira delas, discute-se brevemente o conceito de concentração empresarial e a metodologia de mensuração dos resultados, definindo-se as opções feitas neste trabalho. Na seção subsequente, apresentam-se os dados disponíveis e as análises deles derivadas. Na última seção, por fim, as principais conclusões do trabalho são sistematizadas.

² Sistema FIEB (2005). Como não foi possível obter as planilhas que deram origem à publicação, foi necessário digitar o conjunto de dados aí apresentados. A autora agradece a Iuri Vilas Boas Leal Botelho pelo apoio nesse trabalho.

³ Os dados referem-se a unidades produtivas e não a empresas. Ainda assim, constituem-se em elementos relevantes para a medida de concentração empresarial.

Breves Notas Metodológicas e Conceituais

Antes de qualquer apreciação crítica, convém definir o conceito de concentração empresarial, que pode envolver critérios e medidas diversas, a depender das opções metodológicas e analíticas feitas. Essas opções, necessariamente, afetam as variáveis a serem trabalhadas e as conclusões decorrentes da análise⁴. Assim, convém esclarecê-las de antemão, demarcando com maior precisão os limites e possibilidades do trabalho.

Os estudos mencionados na introdução, preocupados em verificar a importância das empresas de grande porte da Bahia no conjunto da produção estadual, utilizam indicadores referentes ao peso do faturamento – considerando informações concernentes a um grupo limitado das maiores empresas – no PIB estadual. Menezes (2001, p. 50), baseado em informações levantadas por consultoria realizada pela Arthur Andersen em 1999, compara os resultados obtidos na Bahia e no Paraná, concluindo que nesse estado, que apresentava um PIB cerca de 30% superior ao da Bahia, o nível de faturamento das 50 maiores empresas era aproximadamente 23% inferior ao registrado para as 50 maiores empresas da Bahia. Lima et al (2003), utilizando uma amostra de 10 estados, além da Bahia, definem um índice de concentração empresarial como o quociente da receita operacional líquida das 50 maiores empresas de cada estado pelos respectivos PIBs, apoiados em informações divulgadas pelo Instituto Miguel Calmon (IMIC) referentes a 2001. Com base nos resultados obtidos, contestam a hipótese de que a economia da Bahia apresentaria níveis de concentração empresariais especialmente altos em relação aos demais estados brasileiros quando se consideram suas maiores empresas em relação ao seu PIB.

A partir da disponibilização dos dados da PIA/IBGE tabulados pela FIEB, duas alternativas metodológicas complementares se colocam:

- Mensurar a participação das unidades produtivas de cada extrato segmentado pelo critério de número de pessoas ocupadas no total de empregos, faturamento e produção industrial;
- Calcular a média de emprego, faturamento e Valor da Transformação Industrial (VTI) por porte de unidade produtiva, definido pelo número de pessoas ocupadas.

Essas novas possibilidades implicam o refinamento da medida de concentração, ao tempo em que redefinem, em certa medida, o próprio conceito trabalhado. A idéia de representatividade das maiores empresas na produção estadual é substituída pelo critério de participação relativa das unidades produtivas de diversos portes no conjunto de indicadores estaduais. Adicionalmente, é possível traçar o perfil médio das unidades de transformação industrial, diferenciando-o por porte. Cabe ressaltar, ainda, a possibilidade de focar a análise em unidades de transformação industrial *stricto sensu*, contando com dados homoganeamente coletados nas diversas unidades da Federação analisadas.

O Perfil das Empresas da Indústria de Transformação em 2002

⁴ Em muitos casos, essas opções derivam, sobretudo, da disponibilidade de informações.

Partindo-se das alternativas metodológicas e das definições conceituais elucidadas no item anterior, procura-se, nesta seção do trabalho, apresentar os dados disponíveis e as análises realizadas com vistas a traçar o perfil das unidades da indústria de transformação em 2002. Trabalha-se com informações referentes à Bahia e a outros oito estados da Federação, além de se utilizarem os dados nacionais como referência básica para a pesquisa e suas principais conclusões.

No Brasil, 91,9% das unidades industriais têm até 99 funcionários, sendo que 77,1% delas empregam até 29 pessoas. Dessas unidades, 1,8% empregam mais de 500 funcionários. As unidades que empregam até 99 pessoas contribuem com 20,2% do VTI e 20,1% da Receita Líquida de Vendas (RLV), enquanto as que empregam até 29 funcionários contribuem com 8,5% do VTI e 7,9% da receita. As unidades que têm mais de 500 empregados respondem por 45,8% do VTI e 43,6% do faturamento.

Na Bahia, 92,5% das unidades industriais empregam até 99 funcionários, sendo que 76,1% delas ocupam até 29 pessoas. Apenas 0,9% das unidades empregam mais de 500 trabalhadores. As unidades que empregam até 99 funcionários contribuem com 13,6% do VTI produzido no estado e 12,7% da RLV, ao passo que as que ocupam até 29 pessoas contribuem com 4,8% e 3,8% desses valores. As unidades que empregam mais de 500 funcionários geram 52% do faturamento e 51,6% do VTI estadual.

Tabulando esses dados, e incorporando informações referentes a outros estados do Brasil, de modo a estabelecer parâmetros de comparação para a situação da Bahia, percebe-se que esse estado apresenta algumas especificidades, sobretudo no que se refere à distribuição da RLV e do VTI por porte empresarial. A tabela que segue, classificando as unidades locais em quatro grupos, de acordo com o critério de número de empregados, apresenta a participação relativa do Número de Unidades Locais (UL), Pessoal Ocupado Total (POT), Receita Líquida de Vendas e Valor da Transformação Industrial no agregado nacional/estadual dessas variáveis.

Tabela 1

Perfil das Empresas da Indústria de Transformação
Brasil e Estados Selecionados – 2002

(em %)

Empregados		Brasil	BA	PE	CE	PR	SC	RS	SP	MG	RJ
<30	UL	77,1	76,1	81,2	78,6	78,1	80,1	77,1	73,7	80,6	78,9
	POT	22,7	22,7	20,4	17,3	25,4	23,8	21,3	20,7	27,6	25,7
	RLV	7,9	3,8	8,0	6,0	10,7	11,3	8,3	6,9	8,2	9,3
	VTI	8,5	4,8	8,0	6,9	11,1	11,0	9,6	7,4	9,6	10,2
< 100	UL	91,9	92,5	93,5	93,5	93,1	93,7	91,1	89,8	94,1	92,5
	POT	42,6	43,8	35,0	32,9	47,7	42,6	39,6	40,9	49,8	44,5
	RLV	20,1	12,7	20,8	13,3	24,5	30,1	21,7	19,2	17,0	20
	VTI	20,2	13,6	19,7	15,2	24,4	26,7	23,2	18,6	18,1	20,1
100 a 499	UL	6,3	6,6	5,3	5,0	6,1	4,8	7,6	7,1	5,1	6,2
	POT	29,8	33,1	25,2	20,7	30,3	26,3	34,8	31,4	28,1	29,9
	RLV	36,3	35,3	53,2	41,1	35,7	29,2	40,6	35,3	38,8	35,4
	VTI	34,0	34,9	47,2	38,9	30,9	27,2	40,5	33,7	32,7	31,5
>500	UL	1,8	0,9	1,2	1,5	0,8	1,5	1,2	3,0	0,8	1,3
	POT	27,6	23,1	39,8	46,4	22,0	31,1	25,6	27,7	22,0	25,6
	RLV	43,6	52,0	26,0	45,6	39,8	40,7	37,7	45,5	44,3	44,6
	VTI	45,8	51,6	33,1	45,9	44,7	45,6	36,3	47,7	49,2	48,3

Fonte: Sistema FIEB (2005). Elaboração própria

De fato, a participação das unidades de até 29 empregados na RLV e no VTI da indústria de transformação estadual (3,8% e 4,8%) é bastante inferior à registrada pelo país (7,9% e 8,5%), situando-se abaixo da observada em todos os demais estados pesquisados. O mesmo ocorre quando se considera a participação de unidades que empregam até 99 pessoas na RLV. Nesse caso, embora os índices da Bahia difiram significativamente dos nacionais e dos registrados para sete dos outros oito estados analisados, situam-se próximos daqueles referentes ao Ceará. As unidades produtivas de 500 ou mais funcionários, por sua vez, respondem, na Bahia, por um percentual mais significativo da RLV e do VTI que o registrado para o Brasil ou para quaisquer dos outros estados tratados. Esses números indicam uma maior concentração da produção e do faturamento da indústria de transformação em grandes empresas da Bahia, assim como revelam que a participação das pequenas empresas é ainda muito tímida nesse estado.

O dado de participação das plantas com 500 ou mais empregados na RLT e VTI da Bahia é ainda mais contundente quando se observa que essas empresas representam apenas 0,9% das unidades locais, enquanto, para o Brasil, correspondem a 1,8% do total dessas unidades⁵. É interessante notar, por outro lado, que essas unidades geram, na Bahia, 23,1% do total de empregos da indústria de transformação, contra 27,6% no Brasil, 46,4% no Ceará e 39,8% em Pernambuco. Esses números indicam o elevado grau de intensidade em capital das grandes empresas na Bahia, quando comparadas às grandes empresas cearenses

⁵ A reduzida participação do número de unidades locais que empregam mais de 500 funcionários é reflexo do próprio nível elevado de intensidade em capital que caracteriza os principais segmentos produtivos da indústria de transformação na Bahia.

e pernambucanas, usualmente vinculadas a segmentos industriais relativamente mais intensivos em mão-de-obra, como *Alimentos e Bebidas* e *Têxteis*. Esse é também, em menor grau, o caso de Santa Catarina. Tomando-se como exemplo o estado de Minas Gerais, onde a *Metalurgia Básica* representa 25,6% do VTI, verifica-se que a participação das maiores unidades no POT é de apenas 22,0%, um pouco inferior, portanto, à contribuição desse tipo de empresa para a geração de emprego na indústria de transformação da Bahia.

Considerando-se a participação relativa da Bahia no conjunto do país, observa-se uma importante diferença no que diz respeito à RLV e ao VTI das unidades que empregam mais de 100 funcionários. Enquanto as participações dessas plantas no número de unidades do mesmo porte e no POT nacional são de magnitude similar às das demais faixas de unidades locais, as suas participações relativas no faturamento e no valor da produção da indústria de transformação do país são muito superiores, conforme indicam os percentuais destacados na Tabela 2. Mais uma vez, evidencia-se a elevada concentração relativa do valor agregado e da receita da indústria de transformação da Bahia em grandes empresas. Torna-se claro, também, o reduzido número de unidades de transformação localizadas na Bahia em todos os grupos, em relação ao Brasil, quando se leva em consideração que a participação da Bahia no Valor Agregado Bruto (VAB) da indústria de transformação nacional atinge, em 2002, 5,0%⁶.

Tabela 2
Perfil das Empresas da Indústria de Transformação
Brasil e Bahia – 2002

Empregados		Brasil	BA	BA/Brasil
<30	UL	112.769,5	2.652,8	2,35%
	POT	1.244.755,6	27.807,5	2,23%
	RLV - em R\$ bi	59,0	1,4	2,31%
	VTI - em R\$ bi	26,6	0,6	2,27%
< 100	UL	134.416,6	3.224,6	2,40%
	POT	2.335.973,1	53.655,0	2,30%
	RLV - em R\$ bi	150,0	4,5	3,03%
	VTI - em R\$ bi	63,3	1,7	2,71%
100 a 499	UL	9.214,6	230,1	2,50%
	POT	1.634.084,5	40.547,5	2,48%
	RLV - em R\$ bi	270,9	12,6	4,66%
	VTI - em R\$ bi	106,5	4,4	4,13%
500 ou mais	UL	2.632,8	31,4	1,19%
	POT	1.513.447,4	28.297,5	1,87%
	RLV - em R\$ bi	325,4	18,6	5,72%
	VTI - em R\$ bi	143,5	6,5	4,53%

Fonte: Sistema FIEB (2005). Elaboração própria

Uma outra maneira de averiguar o grau de concentração do faturamento e do valor da transformação industrial em grandes empresas é calcular a RLV e o VTI por número de

⁶ http://www.sei.ba.gov.br/pib/nacional/xls/part_regioes_estado.xls. Acesso em 15 de abril de 2005.

unidades locais. A Tabela 3 apresenta indicadores de POT, RLV e VTI por unidade local para o conjunto de unidades situadas no Brasil, na Bahia e em outros oito estados, considerando, além do agregado das fábricas, os quatro segmentos definidos de acordo com o seu número de empregados.

Tabela 3
Indicadores de Concentração Empresarial
Brasil e Estados Selecionados = 2002

Empregados		Brasil	BA	PE	CE	SC	SP	MG	RJ	RS	PR
<30	POT/UL	11,04	10,48	10,26	10,50	10,68	11,37	10,43	11,80	10,73	10,85
	RLV/UL	0,52	0,51	0,29	0,27	0,39	0,60	0,43	0,60	0,51	0,57
	VTI/UL	0,24	0,23	0,13	0,11	0,18	0,28	0,19	0,33	0,22	0,24
< 100	POT/UL	17,38	16,64	15,28	16,79	16,35	18,44	16,11	17,42	16,91	17,10
	RLV/UL	1,12	1,41	0,67	0,51	0,88	1,37	0,77	1,10	1,12	1,10
	VTI/UL	0,47	0,53	0,28	0,21	0,38	0,58	0,31	0,55	0,44	0,45
100 a 499	POT/UL	177,34	176,24	194,11	197,59	197,01	179,03	167,76	174,67	178,09	165,75
	RLV/UL	29,40	54,93	30,02	29,32	16,69	31,97	32,30	29,14	25,18	24,48
	VTI/UL	11,56	19,11	11,69	9,91	7,63	13,30	10,27	12,83	9,29	8,73
500 ou mais	POT/UL	574,85	901,94	1.353,99	1.476,38	745,48	373,77	837,33	713,24	829,72	917,66
	RLV/UL	123,59	593,36	64,80	108,43	74,46	97,53	235,08	175,07	148,09	208,10
	VTI/UL	54,50	207,23	36,19	38,98	40,19	44,55	98,55	93,80	52,72	96,26
TOTAL	POT/UL	37,49	35,14	40,82	47,73	35,96	40,48	30,45	36,22	38,89	33,37
	RLV/UL	5,10	10,27	2,99	3,57	2,74	6,43	4,25	5,10	4,71	4,18
	VTI/UL	2,14	3,61	1,31	1,27	1,32	2,80	1,60	2,52	1,74	1,72

Fonte: Sistema FIEB (2005). Elaboração própria
Obs.: RLV/UL e VTI/UL em R\$ milhões

Observando-se os indicadores construídos para o conjunto das fábricas (unidades com quaisquer números de empregados), percebe-se que a Bahia apresenta valores muito superiores aos registrados para o Brasil e para todos os outros estados investigados, no que diz respeito ao faturamento e valor da transformação por unidade local. Isso se deve, sobretudo, aos diferenciais observados na faixa de unidades que empregam mais de 500 funcionários. Os indicadores VTI/UL e RLV/UL nessa faixa são, respectivamente, 3,8 e 4,8 vezes maiores para a Bahia que para o Brasil, o que confirma a existência de um elevado índice relativo de concentração do faturamento e da produção empresarial nesse estado. Mesmo quando comparados aos indicadores referentes ao estado de São Paulo, onde se localizam as maiores indústrias instaladas no país, os indicadores da Bahia revelam-se extremamente altos⁷. Essas diferenças relevantes repetem-se na faixa de unidades produtivas que empregam entre 100 e 499 trabalhadores, embora de forma menos acentuada. No grupo de unidades com menos de 100 empregados, os indicadores da Bahia continuam superando os índices nacionais e os das demais unidades da Federação

⁷ É preciso cautela com o uso desses indicadores, uma vez que a relação POT/UL calculada para o estado de São Paulo na faixa de unidades locais de mais de 500 funcionários situou-se em 373,77, o que revela inconsistência. Os dados foram checados junto à instituição responsável pela publicação, que sustenta que estão em conformidade com as tabulações preparadas pelo BGE, tendo sido aventada a hipótese de que algumas unidades locais tenham sido alocadas erroneamente em sua faixa de pessoal ocupado.

selecionadas, embora as diferenças reduzam-se significativamente. A exceção nessa faixa fica por conta do VTI/UL do estado de São Paulo, que se apresenta mais elevado que o da Bahia. Por fim, na faixa de unidades produtivas locais com menos de 30 funcionários, os índices da Bahia praticamente se equivalem aos do conjunto do país, apresentando-se inferiores, apenas, aos dos estados de São Paulo e Paraná.

Considerações Finais

No presente trabalho, buscou-se reunir elementos que permitem examinar a hipótese de que a indústria baiana é caracterizada por um elevado grau de concentração empresarial em relação a outros estados e ao conjunto do país. Informações da PIA/IBGE referentes ao perfil das unidades locais da indústria de transformação em 2002, divulgadas recentemente na publicação *A Estrutura da Indústria de Transformação Brasileira* (FIEB, 2005), trazem novos elementos para essa discussão. Os dados disponíveis não apenas permitem refinar os indicadores de concentração utilizados, como também facultam uma análise exclusivamente focada no segmento da indústria de transformação. Assim, tornam-se mais representativos e exatos, respaldando conclusões mais confiáveis. Além disso, permitem a construção de um perfil consistente da indústria de transformação em 2002, levando em consideração variáveis de emprego, faturamento e produção.

A pesquisa trabalha com informações referentes à participação das unidades produtivas de cada um dos quatro grupos definidos – segmentados pelo critério de número de pessoas ocupadas – no total de empregos, faturamento e produção industrial dos respectivos estados, permitindo inferências e comparações acerca da representatividade de cada segmento. Adicionalmente, calcula a média de emprego, faturamento e VTI desses grupos de unidades produtivas, traçando um perfil do segmento de transformação industrial em cada estado. Compara-se a Bahia com outras oito unidades da Federação e com os resultados obtidos para o conjunto do país, a partir de dados coletados pela PIA/IBGE de acordo com uma mesma metodologia.

Os resultados obtidos no trabalho revelam algumas especificidades que confirmam a elevada concentração empresarial da indústria de transformação da Bahia. Os números indicam, com efeito, uma maior concentração relativa da produção e do faturamento da indústria de transformação em grandes unidades localizadas na Bahia, assim como revelam que a participação das pequenas unidades é ainda muito tímida nesse estado, tomando-se como referência o conjunto do país e os demais estados pesquisados. Torna-se claro, também, o reduzido número relativo de unidades localizadas na Bahia, sobretudo quando se leva em conta a participação desse estado no VAB da indústria de transformação nacional.

Essa análise representa, sem dúvida alguma, um avanço no que diz respeito às medidas de concentração empresarial utilizadas até então para atestar um atributo usualmente aceito para caracterizar a economia baiana. Não obstante os seus méritos, sugere-se que sejam realizados estudos mais detalhados, que permitam desenvolver alguns pontos e associar o perfil da indústria de transformação da Bahia à trajetória de desenvolvimento recente do estado.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisa Industrial Anual – Empresa*. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. (Série Relatórios Metodológicos, v. 26). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/industria/pia/empresas/srmpiaempresa.pdf>. Acesso em: 30/05/2005.

LIMA, Carmen Lúcia et al. Notas preliminares sobre os níveis de concentração empresarial na Bahia. *Conjuntura e Planejamento*, Salvador, SEI, n. 108, p. 36-42, mai. 2003.

MENEZES, Vladson. Evolução e alternativas de inserção industrial: uma proposta para a Bahia. *Cadernos de Análise Regional*, UNIFACS, Salvador, ano IV, n. 4, p. 43-69, mai. 2001.

SISTEMA FIEB. Superintendência de Desenvolvimento Industrial – SDI. *A estrutura da indústria de transformação brasileira (1985-2002)*. Salvador: Sistema FIEB/Superintendência de Desenvolvimento Industrial – SDI, 2005.